

A M A N D O F O N T E S

P O R A L V E S R E D O L

II

Ignoro se foi vasto ou escasso o tempo decorrido entre a feitura de «Os corumbas» e a «Rua do Siriry». De uma à outra edição vão sómente dois anos e, contudo, bem longa é a distância que as separa, de tal modo se evidencia a evolução da sua forma.

O conteúdo das obras, o seu caudal, é de natureza idêntica—vida estuante que brota em jorros e nos encharca da sua realidade, brutal por vezes, mas sempre humana—dolorosamente humana. O cunho utilitário da sua arte é, assim, gémeo em ambas as obras.

A evolução da forma não marca um salto de linha geral, como, por exemplo, em Eça as páginas líricas das *Prosas Bárbaras* ao escalpelo de *O crime do Padre Amaro*—o primeiro romance do Mestre. A maneira é a mesma, a presença do escritor é que se afirma mais.

Em «Os corumbas», Amando Fontes foi, por vezes, quasi autómato—digamos, mais panfletário. Sente-se em certas passagens uma embriaguez do assunto que não permite o artista dominá-lo—ele é que domina o artista.

E se esse domínio é básico para o florescer da concepção de qualquer obra de arte, o artista deve, quando não exceder-se ao tema, integrar-se com ele, para que do equilíbrio do gerador e do transmissor se construa uma obra harmónica de substância e de linhas.

Na «Rua do Siriry» há mais confiança, mais calma—mais presença, como atrás afirmei.

A forma ganhou plasticidade, mais cinzel, sem deixar de possuir o mesmo cunho de sincera espontaneidade. Não se adivinha a tortura do estilista que se refastela a criar, com rebusque, páginas que pretendem atingir a incompreensão—refúgio onde se alberga quanto narciso se supõe centro do mundo e é incapaz de sintetisar a vida agitada das multidões.

A obra de Amando Fontes germinou no fundo úbere da massa humana, sentiu os antagonismos de classe que criam tempestades, e quando surgiu à luz, foi para dar frutos a que pudessem chegar, quantas bocas sequiosas de saber os quisessem possuir.

Fruços há, que à força de quererem nascer alto, acabam

por cair sorvados, sem terem morto sêdes nem fomes.

«Rua do Siriry» fica entre os melhores romances que tenho lido—na cúpula dos quais está ainda esse inimitável «Cimento», de Gladkov, assim como em contos, o dinamismo arrebatador do «Mais depressa América», de Michael Gold.

A literatura popular bastariam êsses dois factos, para que a sua brilhasse às mais elevadas alturas a que ascenderam as várias escolas que a arte de escrever tem conhecido.

E' necessário que diga, antes de prosseguir, da existência de uma causa íntima, possível criadora de tão marcada preferência por êste romance de Amando Fontes. A «Rua do Siriry» é uma artéria de Aracajú habitada por prostitutas. O autor de «Os corumbas» estudou-a com humanidade e construiu um romance que ficará no novo ciclo brasileiro como um dos mais vivos e equilibrados.

Pensei abordar também o mesmo tema, talvez num romance. Acumulei tipos e factos, desenhei pormenores, para essa obra que julgava de renolução e ferrête. E quantos mais anos passavam, mais interesse humano encontrava na sua execução.

Quando li a «Rua do Siriry» exultei—Amando Fontes escrevera o livro que eu vinha concebendo e acarinhando há alguns anos e que, possivelmente, acabaria por não escrever.

Dêste modo, pode achar-se nessa identidade de objectivo, uma preferência parcial pelo tema tratado. Em opposição, aumentariam as minhas exigências quanto à feitura—desenho de personagens e desenvolvimento do assunto. A experiência de observação directa marcaria a ferro o que fôsse falso.

Mas em verdade é a «Rua do Siriry» intangível. Tôdas as figuras traçadas, desde as de primeiro plano, às que só episódicamente passam, são dolorosas de verdade. Tôdas vivem o mesmo signo cruel de um momento que vai expirar e só a força evita que lhe tenham dado já o golpe de misericórdia.

Naquella casa onde Mariana é a companheira desvelada, protectora de quantas ali se instalaram a mercandear afagos, as mulheres vão passando.

Ela, que traz a imagem de um lar onde se apagaram sorrisos com a morte do marido e do filho, resigna-se àquella vida. Semana em que fique tratando dos arranjos caseiros, Mariana é feliz—sente-se liberta daquele lodo em que se afunda, lhe repugna e quer esquecer.

Esmeralda que atravessa todo o romance, sempre revoltada, chasqueando amargamente com tudo e com todos, e, num momento mais irado, se dispõe a ir pela cidade mercando o corpo aos gritos, como vendedor ambulante.

Tita...
Que poder de síntese e que verdade psicológica nesta personagem de apaixonada, sempre roída de saúdes por algum que mais a afague—afagos que a escravizam mais que a própria miséria em que se debate. Vendem-lhe as caricias, como ela vende as suas. E se as companheiras a chamam à realidade, rebela-se, sentindo que a enganaram, mas a querer acreditar ainda que êles voltarão ao seu amor tão arrebatado e tão terno.

Na Baía já, para onde partira atrás de uma paixão que a martirizava, suicida-se por um espanhol que ali conheceu e a abandonou.

Esta Tita é bem a dolorosa imagem dessas mulheres que têm ainda na boca outros beljos que não sejam os vendidos a quantos as procuram.

Depois Djanira, a mocinha endiabrada, que faz uma festa onde passa, desperdiçando dinheiro como desperdiçava mocidade, e a doença leva ao hospital e depois ao curral do Bonfim, último degrau que as mulheres descem no declive que as conduz à padiola da policia, carregada pelos presos até aos Cambubys—fim de tudo.

E as mulheres vão e vêm na vertigem da sua vida mercenária—de mão em mão, de mercado em mercado.

E vem Nenen, a que os homens desejam e aborrecem, porque não tem a facilidade de sorrir a cada um, mostrando interesse que não sente. Rosa, Angelina, Bellisana, Madá e muitas outras, tantas outras...

Não falta na «Rua do Siriry» a repugnante Sá Gertrudes—a megera que tem fama de proteger raparigas e em sua casa as entrega a quanto senhor se ufana em possuir carne moça.

São impeccáveis de estrutura as páginas em que Amando Fontes a descreve. Os conse-

lhos, os favores prestados, o rastejar imperceptível na sombra de uma falsa protecção... O enternecimento com que lhes diz dos homens ricos que as querem, como a desvendar a reacção das suas vítimas.

E de novo volta ao caminho de origem, aos afagos, aos conselhos, se, porventura, vê um rubor ou adivinha uma escusa.

Vem o primeiro, finalmente. Depois outro e outro. Rua do Siriry.

Outras figuras arrancadas ao meio ali passam inundadas de um realismo que as não pretende dissecar, exagerando-as—Amando Fontes constrói personagens no barro da vida e fá-las viver como seres que se movem e pensam como humanos e não como tite-res.

O Professor, solícito, carinhoso, dividindo os magros recursos pelas mulheres, sempre vivendo de afagos comprados, é outra figura esculpida a verdade. Nas suas maneiras, nas suas palavras, há a chama de um iluminado que quer redimir aquelas mulheres.

Algumas riem-se, outras pensam.

E êle lá volta, de quando em quando, a distribuir dinheiro, a receber amor—amor que nunca colheu de outra maneira.

Se os homens não veem, falam as mulheres do seu passado. Cada uma o recorda com carinho—sonho que jámais voltará a ser realidade.

Diz uma:
—Se há inferno de verdade e se lá existe justiça, o pior lugar há-de ser para homem que atire mulher na vida ruim.

Desiludida, outra responde:
—Pelos modos parece que não pagam nem aqui na terra, nem depois...

E a dor funde tôdas na mesma certeza.

Em Portugal, o assunto tem sido focado no teatro (em romance nada conheço digno de citar-se) de maneira diversa—na maneira tradicional da nossa arte reflexa, a cujo signo poucos têm fugido.

Ou se faz fantasia alindada com os mais subtils e complexos arrendados, ou se cria pesadêlo, negro de tintas, em que desfilam casos patológicos.

Do primeiro tipo, temos a Severa, deificada, a dominar

(continua na página imediata)